

Religiosidade Afrobrasileira e Educação: desafios de um fazer pedagógico no Terreiro

Sandra Regina de Souza Cruz¹
Leila Dupret²

Resumo: A Baixada Fluminense, localizada no Estado do RJ, é celeiro de grande diversidade étnico-cultural e religiosa. Pensar um espaço, onde o atravessamento cultural mostra-se latente, é perceber a forma incisiva como este interfere na formação de um povo. Neste contexto, o trabalho investiga o processo educacional ocorrido dentro do Ilê N. Sra das Candeias, na Comunidade de Miguel Couto, Nova Iguaçu, compreendendo a educação como mecanismo de manutenção da tradição religiosa e a forma como se dá o processo de transmissão da cultura afrobrasileira. Para tanto, utilizaremos como base metodológica os conceitos teóricos de Vigotsky e a técnica da construção das “unidades de sentido” sustentada pela epistemologia qualitativa sugerida por Gonzáles Rey .

Palavras-chaves: Baixada Fluminense, cultura, religiosidade e educação.

¹ Aluna do Curso de Pós-graduação em Educação e Diversidade Étnica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, membro do LEAFRO- Laboratório de Estudos Afrobrasileiros E-mail: sarecruz@gmail.com

² Pós doutora em Psicologia, Prof^a Adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, membro do LEAFRO- Laboratório de Estudos Afrobrasileiros. leiladupret@gmail.com



Introdução

No início do século XX o conjunto de ações desenvolvidas pelos governos da União e do Estado do Rio de Janeiro produz enormes mudanças no cenário geográfico da cidade. A campanha de saneamento baseada entre outras ações na vacinação obrigatória alcança rápidos resultados; milhares de casas e prédios foram demolidos para dar lugar a um reordenamento urbanístico que privilegiava a abertura de grandes avenidas como a Central (atual Rio Branco). O deslocamento populacional promovido pela – como ficou conhecida – Reforma Passos, foi intenso na medida em que quarteirões inteiros foram destruídos e a população carioca pobre, acuada, buscava na constituição das favelas² uma alternativa de sobrevivência.

A primeira favela carioca constituiu-se no morro da Providência na década de 90 do século XIX. Seus barracos seria o resultado imprevisto das demolições promovidas por Barata Ribeiro em 1893. E o nome “favela” derivaria do apelido dado ao local pelas tropas vindas de Canudos aquarteladas no morro que relacionavam sua vegetação, plantas com favas, a que conhecera nas cercanias do arraial baiano do Belo Monte. (MARINS, 1998).

Uma outra opção que restava às populações desalojadas do centro do Rio de Janeiro ou que afluía cada vez mais intensamente à cidade, eram os subúrbios. E, na medida em que novas levas de moradores saturavam suas possibilidades residenciais, novas áreas cada vez mais afastadas iam sendo progressivamente ocupadas. Até que em 1930, o tecido urbano já havia avançado sobre as fronteiras do Distrito Federal (RJ) alcançando a Baixada Fluminense. O conceito aqui utilizado baseia-se em FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, **data**), segundo a qual utiliza os critérios de grau de urbanização e a densidade populacional da região, no qual a restringe aos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, São João de Meriti.

Esse movimento de expansão urbana em direção às periferias representou o lançamento das bases do que viria a se constituir como a Área Metropolitana do Rio de Janeiro que se caracterizariam pela cristalização de uma estrutura urbana baseada em uma dicotomia que opunha o núcleo, as áreas centrais do Rio de Janeiro, relativamente bem servido de infra-estrutura, favorecidas às áreas periféricas, os subúrbios e a

Baixada Fluminense, que serviam de lugar de moradia das classes populares e onde imperava a carência de infra-estrutura e do poder público.

O deslocamento populacional de uma massa de migrantes em direção às cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX; a expansão da malha ferroviária na região que permitiu o acesso e o assento dessa população e a recuperação ambiental promovida pelas sucessivas obras de saneamento realizadas na Baixada Fluminense, somaram-se na recuperação demográfica da região fazendo emergir desse limbo populacional as bases do que viria se constituir numa extensa e complexa periferia urbana moderna. A partir daí, milhares de homens e mulheres, em sua maioria negros, construíram suas vidas enfrentando os limites e desafios de uma nova realidade em construção.

O Processo Pedagógico do Terreiro

A Baixada Fluminense, localizada no Estado do Rio de Janeiro, é celeiro de grande diversidade étnico-cultural e religiosa. Fruto da exclusão dos mais pobres das áreas nobres da Capital e do crescimento desordenado, a Baixada Fluminense tornou-se uma das regiões mais populosas do país e também uma das mais carentes, sempre estigmatizada por suas mazelas.

Entretanto, este espaço mostra-se rico em diversidade social, ambiental e religiosa, sendo o segundo maior em concentração de terreiros de culto afrobrasileiro do país; contribuindo de forma significativa para crescimento político, social e econômico do Estado do Rio de Janeiro. Pensar esse espaço, onde o atravessamento cultural mostra-se latente, é perceber a forma incisiva como este interfere na formação de um povo.

A heterogeneidade da população da Baixada Fluminense, torna esta região rica em diversidade, e esta se expressa nas mais variadas práticas, sejam elas culturais, sociais e/ou religiosas.

O uso de adjetivos como negro, imigrante, nordestino parece figurar entre as representações mais comuns sobre sua população. E apesar de não podermos dizer que a negritude seja o único elemento aglutinador de processos de identificações locais, também não desconsideraremos o fato de representar um significativo elemento identitário de sua população.

E na construção desta identidade, a religiosidade afrobrasileira se apresenta como um dos fatores de maior representatividade na formação deste povo; uma vez que condicionantes como: terrenos amplos e baratos, invisibilidade social da região, falta de saneamento e pavimentação, que possibilitasse maior repressão policial aos cultos, permitiram que um grande número de Terreiros se instalassem na Baixada Fluminense. Significando desta forma um espaço de construção e reconstrução cultural de um grupo sócio-racial que não via refletido nos espaços coletivos suas crenças e cultos.

Para o negro que para aqui foi trazido, o mundo invisível e espiritual era tão real e concreto quanto o material. Todas as suas expressões culturais eram variações do tema fundamental de sua religião. Carregava ele consigo uma cosmovisão que era mais do que uma representação do mundo. Às vezes não totalmente consciente, era mais do que uma crença, era um saber, na medida em que se fundamenta na compreensão e na interpretação de um *eu*, de um sujeito individual e coletivo, abrange um conjunto de valores, ideias e opções pelas quais se afirmam uma pessoa e uma coletividade. (PRANDI 1999: 95-96).

Desta forma, a religiosidade afrobrasileira torna-se para os negros um viés importante para a manutenção da cultura negra, apresentando-se como o elo entre o cotidiano, de poucas possibilidades e invisibilidade social, e a excentricidade do sagrado, de escolhas e honras.

Nas religiões afrobrasileiras, a identidade constrói-se a partir da significação social de cada homem e mulher, da vida em comunidade, da revisão constante, da memória dos antepassados com suas orientações e relações éticas das tradições, seus valores, seu modo de se situar no mundo, suas angústias e anseios, do sentido que tem em suas vidas o amor que transcende a esfera material e sobrevive ante a extinção da vida física.

SANTOS, 2007: 48-49

Embora confinado originalmente à população de escravos, proibido pela igreja Católica, e criminalizada mesmo por alguns governos, a religião afrobrasileira prosperou nos quatro séculos, e expandiu consideravelmente desde o fim da escravatura em 1888. É agora uma das religiões principais estabelecidas, com seguidores de todas as classes sociais e dezenas de milhares de templos. Em levantamentos recentes, aproximadamente 3 milhões de brasileiros (1,5% da população total) declararam o candomblé como sua religião.

Porém, com todo esse avanço, ainda é perceptível que o temor da discriminação, a vergonha por praticar uma religião que é taxada como primitiva ou coisa de "negros e ignorantes" entre outros elementos faz com que milhares de pessoas não assumam sua religiosidade em público, não se orgulhem de sua prática de fé ou, como diz mãe Stella

de Oxossi:

"é o caso de pensar se a pessoa tem algum problema, já que tem cargo ou função dentro da casa de santo mas para fora vai dizer que é católica".

Entretanto esta prática dentro do terreiro perde sentido, uma vez que para o povo de santo a religiosidade, o conhecimento ancestral, é o que se mostra importante para o seu cotidiano.

Esta concepção do espaço sagrado como manutenção da tradição, se expressa através da oralidade, onde os sujeitos aliam respeito e singularidade no modo de educar. A educação nos terreiros é dada naturalmente, sem metodologias rebuscadas e técnicas aprimoradas; se dá na vivência, no cotidiano, onde os mais velhos representam a sabedoria, o conhecimento, a cultura ancestral. As palavras a seguir, ilustram com propriedade o que se diz:

“Nasci na Bahia e já dentro de um terreiro. Minha bisavó, que foi filha de escrava, era mãe de santo, e depois minha vó foi mãe de santo e depois minha tia (Mãe Nitinha³) que se tornou mãe de santo e era irmã de minha mãe. Mãe Nitinha é filha do Engenho Velho, uma das Casas mais antiga de Salvador. E nisso eu nasci, fui crescendo, e quando dei por mim eu já era do candomblé, já gostava, já ficava batendo em latas, e fui aprendendo a tocar”.

Luís Cardoso (Ogã de Oxum do Ilê N.Sra.das Candeias)

A educação concebida como um patrimônio, como valorização de saberes primordiais, como é nos Terreiros de Candomblé, alcança uma heterogeneidade ampla, onde os diversos saberes são construídos coletivamente. Onde as relações se mostram essenciais, e é na relação com o outro que o conhecimento se constrói.

A Pesquisa

Neste contexto, o trabalho visa perceber a religiosidade como viés de cultura, embasado no conhecimento científico e apontar a interferência do Ilê de Nossa Senhora das Candeias na comunidade de Miguel Couto, Nova Iguaçu, entendendo a educação em seu aspecto mais amplo. Desta forma, perceber o Terreiro inserido em uma comunidade pobre e rodeada de “pré-conceitos”, e simultaneamente elevado ao status de lugar importante, foi um dos motivos que chamou a atenção para a organização deste estudo. Outro fator é buscar compreender o processo ensino-

³ Areonite da Conceição Chagas ou Iyá Nitinha- (12/09/1925 – 04/02/2008) foi Iyakekerê, Iyatebexê e Ojuodé da Casa Branca do Engenho Velho em Salvador e Iyalorixá em sua casa no Rio de Janeiro, Terreiro de Nossa Senhora das Candeias, em Miguel Couto, na Baixada Fluminense.

aprendizagem na trajetória de uma matriarca imigrante, que utilizando a oralidade, garante a informação e o respeito às tradições, na manutenção de sua religiosidade. Para tanto, utilizaremos como base metodológica a epistemologia qualitativa sugerida pelos pressupostos de Vigotsky (1996), no qual se diferencia explicação de descrição, analisa os processos e não os objetos, buscando o desprendimento do comportamento fossilizado; e a análise dos indicadores para a construção das Unidades de Sentido, conforme Fernando Rey (1997).

A questão racial e a educação

É importante ressaltar que o Brasil é hoje a segunda maior população negra fora do Continente Africano, tendo no Estado do Rio de Janeiro uma grande concentração (segunda maior), e a Baixada Fluminense o espaço de acolhimento da maioria desta população.

Quadro 1 - Presença negra e branca na população brasileira: 1995/2005

Ano	Negros	Brancos
1995	45%	54,4
2005	49,6%	49,8%

Fonte: IPEA – políticas sociais – acompanhamento e análise (edição especial),2006.

Sendo assim, a sociedade brasileira resulta da mistura e do encontro de diferenças fenotípicas e culturais de seus componentes. Nas diferenças culturais anicham-se as diferenças religiosas. Diferente durante os vários séculos coloniais eram a cultura e a religião negras aqui chegadas com os escravos. Surgiu o Candomblé, síntese de crenças com raízes na África negra, que se manteve pela oralidade e pela tradição, a despeito do autoritarismo dos senhores de terras e de homens. Houve o confronto de duas tradições de pensamento, de duas visões de mundo, de duas concepções da vida e do homem.

Religião é festa, santo é alegria, culto é prazer. ..Não se pode imaginar o candomblé sem festa,que não é qualquer festa,mas a festa de um estilo,de um particular modo de ver o mundo sobrenatural e o mundo dos humanos.

(AMARAL,2002: 9)

A análise do lugar da religião afro no sistema social pode ser elucidativa não só da dinâmica de vida, como do desafio para as práticas educativas, uma vez que sua dinâmica inclui a valorização do conhecimento ancestral, a manutenção da tradição e da

relação com o outro. Pensar uma prática escolar que insira esses valores é trazer para o campo educacional uma nova realidade, onde o educando veja refletido sua realidade, seu “mundo” no contexto da aprendizagem.

O candomblé não é uma religião de catequese, é uma religião de conquista, de escola. Ter um inquice, um vodum ou um orixá, é um privilégio.
Iyá de Oxóssi – Filha de Santo do Ilê N. Sra. Das Candeias.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, José Cláudio Souza. *Baixada Fluminense: a violência na construção do poder*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1998.
- ALVES, José Cláudio Souza. *Baixada Fluminense: o código genético social de uma periferia*. *Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC*, agosto de 1999, nº 1.
- AMARAL, Rita. *Xirê! O modo de crer e de viver no Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2002.
- ENNE, Ana Lucia Silva. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representação social e identidade*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2002.
- IBGE - Censo Demográfico: 2000.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e Vizinhaça: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras*. In NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Valter de. *Candomblé: histórico e folclore*. São Paulo: USP, 1981.
- REY, Fernando Luis González. *Epistemologia cualitativa y subjetividad*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Edson Fabiano dos. *Religiões de Matrizes Africanas: raízes da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1993.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.